



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ISBELA SOARES DA SILVA

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E
SUA CONTRIBUIÇÃO PARA MOTIVAR OS ESTUDANTES DA EJA**

João Pessoa
Dezembro 2017

ISBELA SOARES DA SILVA

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E
SUA CONTRIBUIÇÃO PARA MOTIVAR OS ESTUDANTES DA EJA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de
Licenciatura em Pedagogia como
requisito parcial para obtenção do
grau de Licenciado em Pedagogia.

ORIENTADORES:

Severino Bezerra da Silva
Eduardo Antonio de Pontes Costa

João Pessoa
Dezembro 2017

S586p Silva, Isbela Soares da.

A prática pedagógica na educação de jovens e adultos e sua contribuição para motivar os estudantes da EJA / Isbela Soares da Silva. – João Pessoa: UFPB, 2017.

36f.

Orientadores: Severino Bezerra da Silva

Eduardo Antonio de Pontes Costa

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –
Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Educação de jovens e adultos. 2. Motivação. 3. Prática pedagógica. I. Título.

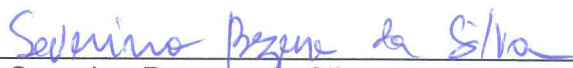
UFPB/CE/BS

CDU: 374.7(043.2)

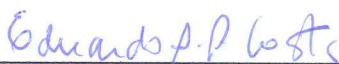
ISBELA SOARES DA SILVA

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E
SUA CONTRIBUIÇÃO PARA MOTIVAR OS ESTUDANTES DA EJA**

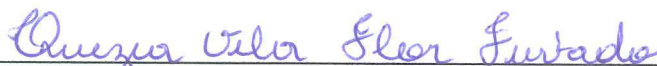
Monografia apresentada como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, submetida à aprovação da banca examinadora composta pelos seguintes membros:



Prof. Severino Bezerra da Silva



Prof. Eduardo Antonio de Pontes Costa



Profa. Quêzia Vila Flor Furtado

João Pessoa
Dezembro 2017

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus pais pelo apoio e dedicação dos mesmos durante todo o período de minha graduação. E a Deus, pois sem ele jamais teria chegado até aqui.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me dado o dom da vida, determinação e força de vontade tanto durante a elaboração do presente trabalho como durante toda a trajetória do Curso de Pedagogia.

Aos professores orientadores, Eduardo Antonio de Pontes Costa e Severino Bezerra da Silva, pelo apoio e compromisso, pois sem eles não seria possível a concretização desse trabalho. O meu muito obrigado!

Aos alunos da EJA, da Escola Maria das Neves Lins, por terem participado desse processo nos permitindo conhecer suas trajetórias escolares, pois sem eles não teria sido possível nossa pesquisa.

As professoras e gestora da referente instituição por terem nos recebido tão bem em seu ambiente de trabalho e terem nos ajudado sempre que necessário.

E aos demais professores e colegas do Curso de pedagogia que fizeram parte da nossa graduação.

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) se constitui como uma área importante na produção de conhecimento. Trata-se de uma modalidade de ensino destinada a jovens e adultos que não conseguiram concluir a educação básica na idade/ano considerados apropriados. O objetivo desta pesquisa foi identificar e analisar a prática pedagógica dos professores da EJA no sentido de compreender como eles promovem a motivação para o retorno à escola formal dos seus alunos. Do ponto de vista teórico e metodológico, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/96, o estudo de caso com base na história oral (MEIHY, HOLANDA, 2014), e o uso da entrevista estruturada (GIL, 2008) são os referenciais da investigação. As entrevistas foram realizadas em uma escola da rede municipal de Bayeux, com a participação dos alunos dos Ciclos I e II e das professoras regentes dos referidos ciclos. Alguns dados indicam que os alunos retornaram ou se motivaram a frequentar a escola em função da inserção e qualificação profissional, bem como aspectos pessoais ligados à prática religiosa. Com relação à metodologia de trabalho, as professoras focam a interdisciplinaridade e os recursos utilizados são: aulas de vídeo, músicas, encartes, material concreto, como jornais, revistas, dicionários etc. Podemos concluir que a prática do professor da EJA deve levar em consideração a comunicação, tempo e inovação, em que o professor promove a motivação realizando um processo de participação, reflexão, desenvolvimento e igualdade em sala de aula.

Palavras-chave: EJA. Motivação. Prática Pedagógica.

ABSTRACT

Youth and Adult Education (EJA) is an important area in the production of knowledge. It is a type of education for young people and adults who have not been able to complete basic education at the age / year considered appropriate. The objective of this research was to identify and analyze the pedagogical practice of EJA teachers in order to understand how they promote motivation for their students to the school. From the theoretical and methodological point of view, the Law on Guidelines and Bases of National Education, Law 9.394 / 96, the case study based on oral history (MEIHY, HOLLAND, 2014), and the use of the structured interview) are the research references. The interviews were carried out at a school in the municipal network of Bayeux, with the participation of the students of Cycles I and II and of the teachers conducting those cycles. Some data indicate that students returned or were motivated to attend school due to the insertion and professional qualification, as well as personal aspects related to religious practice. With regard to the methodology of work, the teachers focus on interdisciplinarity and the resources used are: video lessons, music, inserts, concrete material, such as newspapers, magazines, dictionaries, etc. We can conclude that the EJA teacher's practice should take into account communication, time and innovation, in which the teacher promotes motivation by carrying out a process of participation, reflection, development and equality in the classroom.

Key-Words: EJA. Motivation. Pedagogical Practice.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
3. METODOLOGIA E CAMPO DE PESQUISA	19
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA TURMA	21
4.2 ENTREVISTA COM OS ALUNOS DA TURMA DO CICLO 1	21
4.3 ENTREVISTA COM OS ALUNOS DA TURMA DO CICLO 2	26
4.4 ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS DOS CICLOS 1 e 2	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
6. REFERÊNCIAS	35

1. INTRODUÇÃO

A escolha do tema surge a partir da minha inserção como graduanda em licenciatura em Pedagogia, Campus João Pessoa, nos Componentes Estágios Curriculares Supervisionados I, II, III, IV e V, e obrigatórios do Projeto Político do Curso (PPC).

Durante as minhas experiências de estágios realizadas na Escola Municipal Maria das Neves Lins, na cidade de Bayeux, com Educação de Jovens e Adultos (EJA), pude observar e fazer algumas análises sobre os alunos da EJA, predominante, adultos e idosos. Percebi que elas aparentavam ter uma força de vontade para dar continuidade aos estudos, mesmo com dificuldades específicas do ponto de vista pedagógico e da aprendizagem, elas mostravam-se interessadas no espaço da sala de aula, bem como na relação com seus professores.

Na elaboração dos relatórios de estágios, o tema relação professor-aluno na EJA passou a ser instigante e, ao mesmo tempo, se constituiu como uma temática importante de investigação. Parecia-me que o tema merecia ser abordado ou investigado porque é algo que o educador deve refletir sobre como ele pensa e executa a sua prática pedagógica, no sentido de motivar seus alunos a continuarem os seus estudos, ao abordar o pensamento crítico e contextualizado de seus alunos.

Um dos desafios para a prática pedagógica do professor é não produzir a fragmentação do saber-fazer em sala de aula. No campo da EJA, esse aspecto assume características específicas, pois a formação do professor, do educador depara-se com sujeitos e saberes que passam a dizer e a considerar o que é específico, também, ao jovem, ao adulto e ao idoso.

A EJA é uma modalidade de ensino destinada a pessoas jovens, adultas e idosas que não concluíram a educação básica no tempo e na faixa etária considerados apropriados (BRASIL, 1996). São sujeitos que têm o direito à educação e, que por motivos de trabalho, gravidez, filhos e outros fatores ligados à nossa desigualdade social, não puderam acessar ou até mesmo permanecer na escola pública regular.

Outro fator relevante para que atualmente os Jovens e os Adultos estejam cada vez mais frequentando turmas de EJA, é o fato de muitos alunos terem se evadido da escola regular, em especial, da escola pública, pelo fato de a mesma apresentar alguns problemas como: falta de professores qualificados para atuarem na EJA; falta de motivação em sala de aula, o que constitui, a ausência de motivação por parte do professor, no desafio para garantir a permanência dos alunos na escola regular; as péssimas condições de estruturas físicas das escolas públicas; a falta de investimento que comungue quantidade e qualidade por parte das políticas educacionais; a problemática da gestão de determinada escola pública etc.

Nesse sentido, entendemos que deve haver um profícuo diálogo entre educando e educador em sala de aula para se obter uma avaliação satisfatória do rendimento escolar do aluno da EJA, para que ele se sinta motivado a ir à escola; bem como no sentido de respeitá-lo como sujeito de direito (PICONEZ, 2002; GADOTTI, 2011). E como afirma Freire (2000, p. 69), “Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos algumas coisas. Por isso aprendemos sempre”.

Com base nessas considerações é que o presente trabalho de conclusão de curso se propõe nos objetivos:

Geral:

- Identificar e analisar a prática pedagógica dos professores da EJA no sentido de compreender como eles promovem a motivação para os seus alunos.

Específicos:

- Situar as metodologias utilizadas pelos educadores no processo de ensino e aprendizagem dos seus alunos.
- Apontar e analisar nas práticas pedagógicas recursos didáticos que permitam situar a motivação para a permanência em sala de aula.
- Apresentar elementos que apontem para a motivação dos alunos da EJA, no sentido de como eles avaliam a sua relação

com os professores e os conteúdos ministrados em sala de aula.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A EJA é uma modalidade de ensino destinada a jovens e adultos que não concluíram a Educação Básica na idade considerada apropriada.

A partir dos 15 anos acima, jovens e adultos que não concluíram seus estudos por motivos os mais diversos (necessidade de trabalhar ainda na infância; inexistência de escolas, principalmente na zona rural; dificuldades de se adaptarem à escola cujos conteúdos e metodologias se apresentaram e, de forma recorrente, ainda predominam distantes, “estranhos” ao seu cotidiano, gerando sentimentos de incapacidade, de inferioridade etc.), eles podem se matricular em turmas de EJA no Nível Fundamental (a partir dos 15 anos) ou no Nível Médio de Ensino (a partir dos 18 anos).

Problematizando o para quem e o para quê uma educação básica de jovens e adultos, Gadotti (2011, p. 38) nos apresenta uma definição bastante clara sobre quem são os sujeitos da EJA.

Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. O desemprego, os baixos salários e as péssimas condições de vida comprometem o processo de alfabetização dos jovens e dos adultos. Falo de “jovens e adultos” me referindo à “educação de adultos”, porque, na minha experiência concreta, notei que aqueles que frequentam os programas de educação de adultos são majoritariamente os jovens trabalhadores.

Do ponto de vista histórico, o Estado brasileiro vem se posicionando de forma “paliativa” nas últimas décadas. Nesse sentido, podemos identificar algumas ações do Estado como a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), de 1947, e a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER) em 1953. Como afirma Ventura (2000, p. 4):

Para os excluídos do sistema regular, [...], restavam as campanhas de alfabetização em massa, que ocorreram entre o final dos anos 1940 e o início dos anos de 1960. [...]. Essas campanhas organizaram um número significativo de classes de alfabetização, com o objetivo de levar a educação de base aos brasileiros iletrados das cidades e das zonas rurais [...].

A educação escolar destinada aos jovens e adultos era, principalmente, através do Ensino Supletivo, que, em 1971, por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 5.692, regulamentada e outorgada esta mesma lei pelos governos de exceção (ROMÃO, 2011). O ensino supletivo tinha como objetivo “suprir a escolarização regular para adolescentes e adultos, que não a tinham seguido ou concluído na idade própria”.

[...] Pela primeira vez, uma legislação específica organizou ensino de jovens e adultos em capítulo próprio, diferenciando-a do ensino regular básico e secundário, abordando, inclusive, a necessidade da formação de professores especificamente para ela, e trazendo avanços significativos para a EJA. Na verdade, apesar de ter sido elaborada no auge do período de ditadura civil-militar, esse instrumento legal representou a ampliação, em nível legislativo, das oportunidades educacionais (VENTURA, 2001, p. 11).

O Ensino Supletivo era um recurso de suplência realizado através de cursos que poderiam ser ministrados pelo ensino a distância, ofertados pelos centros de estudos e telecursos, sejam eles por correspondência ou outros meios apropriados de oferta.

A partir da Lei nº 9.394/96 a ideia de Ensino Supletivo que estava em vigor através da Lei 5.692/71 é extinta, continuando apenas a manutenção nominal do termo supletivo unicamente para os exames e uma nova concepção de educação escolar é criada.

Através dessa nova concepção, o ensino que antes era ofertado à população jovem e adulta sem acesso a educação básica regular na idade adequada deixou de ser suprido apenas pelo Ensino Supletivo, e passou a ser ofertado a essa população, também, por meio de uma atual LDB.

Como se pode constatar, a partir da atual LDB, os artigos 37 e 38 destinam-se e definem a EJA como uma modalidade da Educação Básica; bem como o Decreto nº 2.208/1997 que regulamenta a Educação Profissional no campo da educação de jovens e adultos.

Artigo 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

Artigo 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular (BRASIL, 1996).

E no Título V, capítulo II da atual LDB que trata da EJA como modalidade da educação básica, o mesmo busca superar a dimensão de ensino supletivo ao regulamentar sua oferta a todos aqueles que não tiveram acesso ou não concluíram o ensino fundamental.

Percebemos que a EJA deve ser entendida como um direito, enquanto espaço de participação, de exercício da cidadania, de construção partilhada de conhecimentos, de valorização dos sujeitos, respeitando seus interesses, motivações, necessidades e angústias, considerando as diversas histórias de vida que compõem a sala de aula, por isso, para desenvolver uma educação de forma significativa, a EJA deve valorizar e respeitar as especificidades de seus sujeitos (ROMÃO, 2011).

Do ponto de vista do que é específico ao público da EJA, enfatizamos a importância de afirmar metodologias adequadas às especificidades de seus sujeitos, considerando suas histórias de vida, seus saberes, suas motivações etc. E como bem nos afirma Romão (2011, p. 81):

A politização do ato pedagógico tem relação íntima com a questão da recuperação da funcionalidade do saber escolar, isto é, a recaptura da instrumentalidade do que é desenvolvido na sala de aula para o projeto de vida do aluno. É a perda dessa funcionalidade que provoca a evasão, a repetência, o desinteresse, a apatia do alunado, mormente entre os jovens e adultos que trazem para as relações pedagógicas uma série de experiências, sem falar da incorporação da ideia de que os conteúdos e habilidades a serem adquiridos servem apenas para responder às avaliações propostas.

Nessa mesma direção e para pensar os diversos contextos dos sujeitos da EJA, questionamos: Como o professor da EJA se relaciona com seus alunos? Percebemos que a motivação se dá através de uma vontade interna de realizar algo ou alguma coisa, que leve um indivíduo a concluir uma ação que ele deseja, seja em sua vida pessoal, profissional ou acadêmica.

No caso, na Educação, para que os alunos se sintam motivados e tenham uma força de vontade em querer seguir suas metas educativas, é

importante que o educador também seja “peça-chave” de colaboração integrante nas competências e nas habilidades de seus educandos.

Segundo o Portal Educação, Perrenoud (2000) afirma que a motivação precede a aprendizagem. É necessário integrar os alunos nos movimentos escolares, envolvendo-os em projetos sociais favorecendo a interação grupal. Ainda no campo da motivação, Romão (2011, p. 81) nos apresenta questões importantes sobre a prática pedagógica diante dos educandos, ajudando-os a organizar seus pensamentos e ideias. No entanto, a motivação ocorre de forma extrínseca, que se dá pelo fato do aluno adquirir conhecimento pelo meio em que ele é inserido, e também pela motivação intrínseca, que acontece através do significado e do sentido que ele atribui ao seu próprio conhecimento, permitindo, com isso, contextualizar seus saberes prévios.

Os educadores asseguram que o diálogo é uma forma produtiva no processo educativo, onde docentes devem dar oportunidade ao discente de executar atividades onde ele seja o personagem principal de sua aprendizagem, pois cabe a ele desempenhar determinados processos cognitivos, que ninguém pode executar por ele (BORUCHOVITCH; BZUNECK, 2001 apud SILVA; RODRIGUES, 2013). Agindo assim, se torna um dos fatores muito importante para a realização de motivação com alunos da Educação de Jovens e Adultos.

Quando há motivação, há desenvolvimento pessoal e educacional entre um indivíduo, que está sendo direcionado para a realização de seus objetivos.

Para Boruchovitch (2009), a motivação, em concreto, não é somente uma característica própria do aluno, mas também mediada pelo professor, pelo ambiente de sala de aula e pela cultura da escola.

Partindo do princípio de que todo ser humano é capaz de aprender (e também de ensinar), a relação professor-aluno torna-se um processo de constante ensino e aprendizagem de mão dupla: os caminhos do ensino descortinam horizontes para a aprendizagem e esta revela instrumentos e mecanismos para o aperfeiçoamento do primeiro (ROMÃO, 2011, p. 87).

Boruchovitch (2009) afirma que nas diferentes maneiras de promover a motivação, a principal é que o próprio professor seja uma referência de motivação e de descoberta em sala de aula.

O professor tem que envolver os alunos com os projetos propostos para aquela aula, mostrando conteúdos que façam sentidos para eles, de uma forma desafiadora e motivadora. O aluno da EJA, por estar em formação em seu processo de ensino e aprendizagem, tem que estar sendo motivado, conforme suas necessidades. Pois, “[...] a motivação, ou o motivo, é aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar de curso.” (BZUNECK, 2000, p. 9).

A motivação pode ser entendida como um processo que leva o indivíduo a buscar e enfrentar os seus objetivos a serem alcançados, seja em sua vida pessoal ou profissional.

O contrário da proposta do processo de ensino e aprendizagem, muitos dos alunos desistem por se sentirem desmotivados, principalmente o público da EJA, que são alunos que trabalham o dia todo, mães jovens de família e idosos que não concluíram o período de estudo na fase ideal da educação básica, conforme pudemos observar nos componentes dos Estágios Curriculares.

Como os professores poderiam inovar e tentar fazer com que eles tivessem uma metodologia de prática e de estratégias de ensino? Esses aspectos dependeriam apenas do professor? Ou seria uma questão também da gestão escolar e da política pública?

Cabe, aqui, fazer uma diferenciação entre interesse e motivação. As coisas que interessam, e por isso prendem a atenção, podem ser várias, mas talvez nenhuma possua a força suficiente para conduzir à ação, a qual exige esforço de um motivo determinante da nossa vontade. O interesse mantém a atenção, no sentido de um valor que deseja. O motivo, porém, se tem energia suficiente, vence as resistências que dificultam a execução do ato. Quando se considera o contexto específico de sala de aula, as atividades do aluno, para cuja execução e persistência devem estar motivados, as atividades têm características peculiares que as diferenciam de outras ações humanas igualmente dependentes de motivação, como esporte, lazer, brinquedo, ou trabalho profissional (BZUNECK, 2000).

Entre as práticas pedagógicas, principalmente, as dos professores de EJA, o educador tem que trabalhar e elaborar conceitos, métodos inovadores para questionar juntamente com os conteúdos do livro didático, e também

trabalhar a interdisciplinaridade com os alunos para que eles se sintam motivados a estarem sempre em sala de aula, fazendo-os refletir sobre situações e temas relacionados ao seu cotidiano, ao focar em um processo educativo dialógico.

Velho (2003) afirma que a interação entre diferentes indivíduos é contemplada a partir de suas individualidades e especificidades que propiciam a todos os envolvidos algum tipo de troca ou mesmo de reciprocidade, ou seja, o espaço escolar é concebido por meio de interações e trocas entre os estudantes de diferentes grupos etários, entre professor e aluno, entre alunos e os conteúdos didáticos (livros, apostilas etc.).

De acordo com Freire (1978), uma de suas preocupações centrais era a de relacionar a escola com a realidade local, as necessidades e possibilidades dos sujeitos que constituem o cotidiano escolar. Portanto, como o professor pode ofertar no processo de ensino e aprendizagem estratégias de ensino que motivem seus alunos? Romão (2011, p. 88) afirma que:

Ambos, professor e aluno, trabalharão o tempo todo: o primeiro, como provocador, incentivador, sistematizador e avaliador; o segundo, como provocado, descobridor, cossistematizador e coavaliador/avaliado. E a avaliação não buscará a classificação das diferenças hierarquizadas, mas o diagnóstico de situações e desempenhos carentes de rumos e de estratégias [...].

No tocante à noção de percepção, a entendemos como um processo em que um indivíduo tem um certo poder de assimilação, em perceber algo de “mesmice” ou diferença entre um assunto cotidiano ou um conteúdo escolar, com o intuito de relacionar ou não a respeito de situações objetivas e subjetivadas relacionadas a sua experiência.

Segundo o Portal Educação, Rodrigues (2007, p. 203) enfatiza que a percepção social é condição para a interação humana. O processo perceptivo é permeado por variáveis que se intercalaram entre o “[...] momento da estimulação sensorial e a tomada de consciência daquilo que foi responsável pela estimulação”. E ainda de acordo com o referido Portal, Luza (2008) diz que essas variáveis podem influenciar o modo como os indivíduos percebem um determinado comportamento, uma determinada atitude.

É importante que os professores sejam perceptíveis e também motivados com o convívio em sala de aula, agindo com interação, colaboração e criatividade, diante de uma realidade que não respeita os sujeitos de direito, e de variável diversidade em que se apresentam os alunos da EJA.

De acordo com Freire (1996), o importante é que o educador e os educandos saibam da postura deles que é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não passiva no processo de ensinar e de aprender. Contudo, como o educando pode participar das aulas colaborando e questionando o saber docente, o saber escolar? Pois entendemos que os conteúdos didáticos e pedagógicos não podem estar centrados, apenas, na figura do professor.

3. METODOLOGIA E CAMPO DE PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa descritiva, tendo por base a história oral. Os dados foram obtidos mediante a elaboração de uma entrevista estruturada, com os alunos dos Ciclos 1 e 2, da Escola Municipal Maria das Neves Lins, na cidade de Bayeux, região metropolitana de João Pessoa. (MEIHY; HOLANDA, 2014; GIL, 2002).

Com relação à condução da entrevista do tipo estruturada, optamos pela condução da que pode ser concebida como focalizada “[...] quando, embora livre, enfoca tema bem específico, cabendo ao entrevistador esforçar-se para que o entrevistado retorne ao assunto após alguma digressão” (GIL, 2002, p. 117).

A escolha da referida escola deu-se em função dos Estágios Supervisionados realizados nos anos de 2016 e 2017, no campo da Educação de Jovens e Adultos. Durante os estágios, fomos percebendo que havia questões importantes que dizem respeito à prática pedagógica do professor regente na EJA, à relação professor-aluno, ao planejamento dos conteúdos trabalhados em sala de aula etc.

Portanto, no sentido de procurar analisar a prática pedagógica dos professores da EJA no sentido de compreender como ela pode promover a motivação para o retorno dos seus alunos a escola, é que decidimos em 29 de agosto de 2017, e após orientação sobre a coleta de dados e a elaboração da entrevista estruturada, ir à escola, na tentativa de estabelecer as primeiras “aproximações”, os primeiros contatos com os educandos dos Ciclos 1 e 2.

Chegamos à escola por volta das 19 h. Num primeiro contato, agora na perspectiva de realizar uma pesquisa junto aos alunos da EJA, nos dirigimos à direção da escola que nos recebeu de forma respeitosa e disponível para a realização das entrevistas.

Nesse momento, oportunamente, explicamos para a gestora o objetivo da pesquisa – identificar e analisar a prática pedagógica dos professores da EJA no sentido de compreender como eles promovem a motivação para os seus alunos –, que, logo em seguida, nos autorizou a realizá-la desde que os alunos falassem abertamente sobre o desejo ou não de participação.

Após a autorização da gestora, fomos encaminhados à sala de aula aonde se localizava a Turma do Ciclo 1 (Alfabetização e 1º Ano).

Na primeira tentativa de aproximação com os alunos em sala de aula, pedimos autorização à professora regente para o uso possível de um tempo cedido da sua aula para falarmos com a turma, e explicarmos o objetivo do trabalho.

Com a permissão da professora, nos foi cedido um tempo para a apresentação da graduanda-pesquisadora em pedagogia, para consultar sobre quem gostaria de participar do trabalho, mediante uma breve exposição do tema a ser investigado: a motivação docente na EJA.

Fomos informados pela professora regente que a Turma do Ciclo 1 tem vinte e seis alunos matriculados. Porém, apenas 16 alunos estão frequentando as aulas. Vale ressaltar que no dia em que fomos conhecer e falar sobre a pesquisa com a turma, identificamos que havia apenas nove alunos presentes.

Para a coleta de dados, informamos aos alunos que seria utilizado como instrumento de coleta uma entrevista do tipo estruturada, e focada na temática da educação de jovens e adultos, com ênfase na motivação docente.

No dia seguinte, 30 de agosto de 2017, fomos conhecer a Turma do Ciclo 2 (2º e 3º Anos), tendo em vista que não nos foi possível ir a turma no dia anterior em função do tempo que passamos com a Turma do Ciclo 1. Com relação à turma do Ciclo 2, estão matriculados vinte e quatro alunos, sendo que apenas treze estão frequentando, e mais um ouvinte. Vale ressaltar que no dia da realização da pesquisa havia seis alunos presentes em sala de aula.

Em ambas as turmas, os alunos concordaram em participar. Nesse sentido, aproveitamos o tempo disponível para uma “conversa informal” com eles.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

O perfil dos alunos que foram entrevistados do Ciclo 1, são sujeitos com idades entre 37 e 69 anos, e inseridos no mercado de trabalho formal e informal. São feirantes e uma que afirmou trabalhar como empregada doméstica. Depois de trinta e cinco anos, a maioria dos alunos afirmou que retornaram à escola motivados pelo desejo de aprender a ler e a escrever, e pela vontade de alcançar novas metas e objetivos de vida.

4.2 ENTREVISTA COM OS ALUNOS DA TURMA DO CICLO 1

A primeira questão a ser investigada diz respeito à razão pelo retorno à escola. O contato com a turma se deu em sala de aula, num primeiro momento. A partir da coleta, os dados foram analisados e sentimos a necessidade de retomar alguns aspectos que ficaram não “esclarecidos” na fala dos adultos. Nesse sentido, e num segundo momento, retornamos à escola e, após o consentimento dos entrevistados, realizamos uma “complementação” dos dados na sala dos professores, a partir da autorização da professora gestora do turno da noite.

Vejamos as respostas elencadas abaixo sobre o retorno à escola:

Para conseguir um trabalho pelo o qual sempre sonhei que é ser designer de móveis planejados, e futuramente fazer faculdade de arquitetura. (Aluno A)

Porque sinto necessidade, pois fazia mais de 26 anos que não estudava; por isso voltei para aprender a ler e a escrever, e poder avançar cada vez mais, pois sou feirante, lido com cálculos e contas, tenho que melhorar nos meus conhecimentos em matemática, e também para poder ler a bíblia, pois sou evangélica e tenho dificuldades por conta da falta de leitura. (Aluno B)

Fazia mais de 15 anos que eu não havia frequentado a escola, e agora faz 3 anos que retomei para aprender a ler e a escrever, pois tenho vergonha de ir aos lugares e não saber ler, como pegar um ônibus, por exemplo, já desisti muitas vezes por conta do trabalho, mais agora pretendo seguir em frente, para futuramente conseguir tirar a habilitação. (Aluno C)

Voltei não. Eu iniciei este ano, pois nunca havia estudado antes, se estudei foi quando criança, muito pequena, não lembro; trabalho desde a adolescência, e meus horários nunca dava para estudar; mas agora quero estudar para aprender a ler e a escrever e também poder ler a bíblia. (Aluno D)

A partir dessas falas é possível levantar algumas questões a serem observadas sobre estes depoimentos, onde os alunos relatam que retornaram ou se motivaram a frequentar a escola novamente por algum motivo especial e pessoal que os levaram a querer prosseguir com os estudos, em função, da inserção e qualificação profissional; bem como aspectos subjetivos ligados à prática religiosa.

Em meio a vida cotidiana, os alunos vivem em busca de sua autonomia, mesmo com suas dificuldades, eles tentam superar esses desafios, que para eles não é nada fácil percorrer um caminho, que era para ter sido trilhado a alguns anos atrás, em sua fase de aluno regular na escola básica, pois não é “fácil” ser um aluno da EJA, porque estão afastados da escola há algum tempo, como nos informaram.

Nesse sentido, Barcelos (2010, apud FORTUNATO, 2010, p. 282), complementa que:

Escutar as histórias dos educandos é uma possibilidade muito rica na perspectiva de ampliar nosso repertório de informações sobre a forma como as pessoas buscam entender o mundo em que vivem, bem como para nos aproximar do sentido que essas pessoas atribuem ao que lhes acontece.

Corroborando os estudos de Souza (1994), outro autor realizou pesquisas para compreender o significado do retorno à escola, na constituição da identidade e na construção dos projetos de vida do ser humano. Com isto, este autor evidenciou que o retorno à escola “[...] significa um marco decisivo no restabelecimento dos seus vínculos com o conhecimento escolar, libertando-os do estigma do analfabetismo e dos sentimentos de inferioridade” (OLIVEIRA, 1996 p. 37).

É o que dizem os depoimentos dos alunos C e D que querem “vencer” a “falta” de aprendizagem na leitura e na escrita.

Como coloca Ferrari (2011), o jovem que pertence ao mundo do trabalho, ou do desemprego, como é mais comum, incorpora-se ao curso da EJA objetivando concluir etapas de sua escolaridade para buscar melhores ofertas do mercado de trabalho por sua inserção no mundo letrado.

Como podemos observar, os alunos que foram entrevistados se enquadram nesse perfil, pois a maioria deles abandonou seus estudos, justamente por terem que trabalhar muito cedo, alguns desde até a infância, exceto o caso da “Aluna D” que, segundo ela, nunca estudou.

Na questão sobre as aulas realizadas pela professora regente, o foco aqui buscou compreender como eles percebem a prática pedagógica em sala de aula.

São aulas bem importantes para meu conhecimento, a professora explica bem as aulas, e também são bem divertidas. (Aluno A)

São boas as aulas, a professora tem uma aula dinâmica, apresenta alguns conteúdos com vídeo, com aulas práticas baseadas em assuntos do dia a dia. (Aluno B)

Todas importantes, às vezes, fazemos cartazes sobre algum conteúdo. (Aluno C)

É importante para mim, pois é um mundo novo, e também a turma é unida, a professora tem paciência em ensinar aos que tem mais dificuldades. (Aluno D)

Os estudantes demonstram que é através da construção de novos conhecimentos, que eles se sentem motivados em querer ir à escola, não só pelo o interesse da escrita e da leitura, mas também em ter por objetivo a perspectiva de avanço em sua aprendizagem.

O educador tem que ter a percepção para desenvolver um método que apresente no aluno da EJA, uma proposta de “aprendizagem significativa” para que ele se sinta motivado a construir seu conhecimento de forma “agradável”. Para Pinto (2010, p. 111): “O educador deve compreender que a fonte de sua aprendizagem, de sua formação, é sempre a sociedade [...]”.

A questão referente ao conteúdo e à matéria trabalhados em sala de aula, segundo afirmaram os alunos, os conteúdos e as matérias são importantes, porém, identificamos por parte de alguns alunos que, com relação

à escrita e à matemática, eles relatam que ainda há dificuldades de compreensão, de aprendizagem.

Todas são importantes. Às vezes, eu sinto dificuldades em entendê-las, às vezes troco as letras, e a professora apresenta alguns conteúdos com aulas de vídeo, depois abre um debate para comentarmos o que foi que a gente entendeu. (Aluno A)

São boas, mas sinto muitas dificuldades, pois falto muito as aulas, por cansaço e preguiça, devido a rotina do trabalho. (Aluno B)

Para mim são de fácil compreensão. Tenho, sim, facilidade em entender os conteúdos, apesar de não dominar ainda muito bem a leitura e a escrita, e quando acontece alguma dificuldade peço para meu filho me ensinar o que não estou entendendo. (Aluno C)

Para mim, tudo é novo e tenho muita dificuldade em entender os conteúdos, principalmente, para mim que estou conhecendo as letras agora, porque tiro do quadro mais não sei ler, mais vou conseguir. (Aluno D)

As falas acima sugerem pensar para a metodologia do trabalho docente. Quando indagamos as professoras sobre sua formação inicial e formação na EJA, identificamos que as mesmas não possuem formação específica para atuar na educação de jovens e adultos. Nesse sentido, a pesquisa de Piconez (2002, p. 87) chama-nos atenção para o que ela denomina de “estilos cognitivos dos adultos”.

Uma das vantagens de acesso aos estudos sobre os estilos cognitivos dos alunos, pelos professores que trabalham com educação de jovens e adultos, foi poder vislumbrar o desenvolvimento de alternativas metodológicas mais pertinentes ao trabalho pedagógico que, em sua organização, tenham como pressuposto que, embora o aluno adulto não detenha os códigos formais, nem opere de acordo com os seus critérios, ele possui, ainda sim, as estruturas necessárias para compreendê-los.

E como as professoras fazem para “sanar” as dúvidas, quando os alunos apresentam dificuldades na escrita e na matemática?

Quando perguntado como é a relação professor-aluno no ambiente escolar, eles afirmaram o seguinte:

Ela é muito boa, explica bem os conteúdos, só que mesmo assim, às vezes, eu sinto dificuldades em entender certos conteúdos, como matemática. (Aluno A)

Muito legal, ensina bem. (Aluno B)

Acho ela muito dedicada aos alunos. (Aluno C)

Ela é ótima, paciente e amiga, e também em minha opinião ensina bem. (Aluno D)

Observamos que a matemática é um dos fatores que diminui um “pouco” a motivação dos alunos em continuar os estudos, nessa perspectiva, o conhecimento matemático deveria ser contextualizado de uma forma mais clara para o aluno.

A quinta questão indagou se os alunos gostariam de falar sobre o que motiva a retornar à escola. Em diálogo com os alunos, foi perguntado pelo qual motivo, ou quais motivos eles se sentem motivados a continuar frequentando a escola:

É porque quero cada vez aprender mais e evoluir. (Aluno A)

Pela motivação que a minha professora passa, sempre me dando força e aconselhando a nunca desistir, apesar das minhas dificuldades. (Aluno B)

É a vontade de aprender a ler e a escrever, e para poder tirar a carteira de habilitação. (Aluno C)

É a vontade de aprender a ler e a escrever. (Aluno D)

Diante do exposto, fica evidente que muitos jovens e adultos acabam por abandonar os estudos por diversos motivos, entre os quais, dificuldade de aprendizagem, esgotamento físico, falta de motivação para aprender (FORTUNATO, 2010).

Em relação aos assuntos expostos em sala de aula, os entrevistados disseram que sentem algumas dificuldades, mas que apesar disso não irão desistir, pois a cada dia aprendem coisas novas, que fazem diferença no seu dia a dia.

É muito importante para minha vida, pois com o que aprendo na escola faz toda diferença no meu dia a dia, com informações novas a cada dia, e a matemática que influi muito em meu trabalho, que é a marcenaria. (Aluno A)

Muito importante, pois me faz muito bem, e a matemática que faz toda diferença para meu trabalho. (Aluno B)

É importante para minha vida, porque cada dia aprendo mais e passo o que aprendo já para outras pessoas. (Aluno C)

É importante, pois tudo é novidade, pois serve de exemplo para mim, que tenho depressão, pois com o que aprendo me faz querer continuar, que além de aprender para mim, também é uma distração. (Aluno D)

Quando perguntados se teriam alguma informação a acrescentar, para que a professora oportunizasse uma aula mais compreensiva sob o olhar deles, todos responderam unanimemente que não, que estava tudo bem.

E antes de encerrar a entrevista, foi perguntado se queriam fazer alguma colocação, ou dizer algo a mais, além do que foi dito:

Tenho a dizer que a professora ensina muito bem, e que ela sempre nos incentiva a seguir e não desistir. (Aluno A)

Não. (Aluno B)

Não. (Aluno C)

Apesar do cansaço, depois de um dia de trabalho e algumas dificuldades pessoais pretendo prosseguir com meus estudos. (Aluno D)

Com essas palavras, os alunos entrevistados fazem um breve resumo do que pensam, do que acham e do que querem para seus futuros, enquanto aluno, enquanto cidadão, e de como percebem a professora em sala de aula.

De acordo com Souza (1994), os sentimentos e as expectativas destes jovens e adultos depois de vivenciarem um tempo longe da escola e retornarem, perceberam que o valor dado a ela vai se fortalecendo, e assim, apontam para o fato da escola ser algo essencial para suas vidas e também podendo se constituir como um meio de inserção social.

4.3 ENTREVISTA COM OS ALUNOS DA TURMA DO CICLO 2

O perfil dos alunos que foram entrevistados do Ciclo 2, são sujeitos com idades entre 37 e 50 anos, que também não são muito diferentes da turma Ciclo 1. São alunos afastados da escola regular, e que retomaram com o intuito

de aprender os conteúdos escolares no sentido de “avançar” cada vez mais nas etapas que o ensino oferece, e com o desejo de realizarem seus objetivos do seu dia a dia.

A primeira questão da presente investigação diz respeito à razão pelo retorno à escola.

Porque minha filha me deu conselhos para voltar, e também porque ela me ajuda com as tarefas em que não entendo. (Aluno A)

Apesar do tempo em que fiquei afastada por alguns anos, voltei porque gosto de estudar, aprender um pouco mais, para melhorar na leitura. Parei um tempo por causa de alguns problemas, doenças na família, mas enfim estou de volta. (Aluno B)

Por necessidade mesmo, para poder conseguir tirar a carteira de habilitação e para arrumar um emprego melhor. (Aluno C)

Porque eu gosto de estudar e quero ter uma profissão em que eu possa ter os meus direitos e também para ir para o sexto ano, estudar inglês e aprender cada vez mais. (Aluno D)

Conforme as falas acima, os motivos revelam a busca de uma profissão, de conseguir um trabalho formal, de aprender um outro idioma, de ter uma carteira de habilitação.

Na questão sobre as aulas realizadas pela professora regente, o foco aqui buscou compreender como eles percebem a prática pedagógica em sala de aula.

As aulas são muito boas. (Aluno A)

As aulas são boas. Eu gosto das palestras que a professora faz sobre cada assunto. (Aluno B)

Acho interessante e muito importante, porque cada assunto diferente é uma novidade para mim que faz muito tempo que não frequentava uma sala de aula. (Aluno C)

O ensino é ótimo e a professora é maravilhosa, ela explica muito bem os assuntos, e ela é interativa e a turma é muito unida. (Aluno D)

A questão referente ao conteúdo e à matéria trabalhados em sala de aula, segundo afirmaram os alunos, os conteúdos e as matérias são importantes, porém, identificamos por parte de alguns alunos que, com relação

à escrita e à matemática, ainda há dificuldades conforme também identificamos com os alunos da Turma do Ciclo 1.

Gosto das matérias, tenho um pouco de dificuldades em entender, principalmente matemática. (Aluno A)

Gosto de todas, só que tenho muita dificuldade na leitura, e tenho muitas dificuldades em matemática. (Aluno B)

São boas. Não tenho facilidade em entender os conteúdos não e tenho sim muitas dificuldades, principalmente em matemática. (Aluno C)

Eu gosto de todas. Tenho sim facilidade em entender os conteúdos, a professora apresenta alguns conteúdos com aulas de vídeo, cartaz, debates. (Aluno D)

Quando indagados a respeito da relação aluno/professor, no ambiente escolar, eles falaram o seguinte:

Minha professora é ótima. (Aluno A)

Ela é atenciosa e legal, e também dá uma boa aula para nós da turma, focando sempre no aluno que está com mais dificuldade no momento. (Aluno B)

É uma boa professora, motiva os alunos a sempre irem à escola, e quando por algum motivo alguém passa uns dias sem comparecer a escola, ela sempre liga para saber o que aconteceu, o porquê não foi mais. (Aluno C)

Ela não é só uma professora e sim uma amiga da turma, sempre nos aconselhando a sempre prosseguir com os estudos, ajudando sempre os que têm mais dificuldade. (Aluno D)

A quinta questão indagou se os alunos gostariam de falar sobre o que te motiva a vir à escola. Em diálogo com os alunos, foi perguntado por qual motivo, ou quais motivos eles se sentem motivados a continuar frequentando a escola:

É a vontade de aprender cada vez mais. (Aluno A)

Aprender mais a matemática e estudar mais um pouco na parte da leitura. (Aluno B)

Aprender a ter mais conhecimento, e porque a escola é muita boa, sempre tem palestras que falam a respeito de algum

assunto, reunindo todos os alunos da escola e não só por turma, por isso me sinto motivado. (Aluno C)

As aulas, os colegas de classe, e meu futuro profissional, e a vontade de aprender mais, conhecer também novos colegas, tornando um dos motivos com que eu sinta vontade de ir à escola. (Aluno D)

Em relação aos assuntos expostos em sala de aula, os entrevistados disseram que sentem algumas dificuldades, mas que apesar disso não irão desistir, pois a cada dia aprendem coisas novas, que fazem grande diferença no seu dia a dia.

Eu acho muito importante. (Aluno A)

É importante para minha vida, os assuntos que são passados em sala de aula, pois divido o que eu aprendo com a minha família e amigos. (Aluno B)

Muito importante, pois aprendo muitas coisas que eu não sabia, e o que eu aprendo divido com a minha família. (Aluno C)

Me faz muito bem, eu amo estudar e tudo que eu aprender me levará a outros mundos, como passar o que eu aprendo na escola com a minha família, meus filhos e amigos. (Aluno D)

Um elemento novo que se apresenta em uma das falas é o papel da escola aproximando os alunos das relações familiares, da construção de novos amigos.

Quando perguntados se teriam alguma sugestão para dar, para que a professora desse uma aula mais compreensiva sob o olhar deles, alguns falaram que sentem necessidade que ela apresentasse mais conteúdos sobre as outras matérias que quase sempre não são ensinadas.

Não. (Aluno A)

Gostaria que ela ensinasse mais matemática, porque tenho muita dificuldade. (Aluno B)

Gostaria que ela ensinasse mais português, porque tenho muita dificuldade na leitura e na escrita. (Aluno C)

Que ela continue assim, uma professora amiga, só que também gostaria que ela focasse mais nas outras matérias como história, geografia e ciências. (Aluno D)

E antes de encerrar a entrevista, foi perguntado se queriam fazer alguma colocação, ou dizer algo mais, além do que foi dito:

Gostaria de falar que minha professora ensina bem, ela é uma excelente educadora. (Aluno A)

Gostaria de dizer que pretendo terminar meus estudos, e que quero praticar mais a leitura e aprender mais matemática. (Aluno B)

Pretendo prosseguir os estudos, até o máximo que eu puder, mesmo apesar de muitas dificuldades que é o cansaço físico, o deslocamento até a escola e de minhas dificuldades como aluno. (Aluno C)

Fui mãe muito cedo, tenho 6 filhos e quero continuar aonde parei, e mostrar que nunca é tarde para aprender e que eu um dia quero fazer faculdade. Quem sabe? (Aluno D)

De acordo com a entrevista do “Aluno C”, e diante das condições de trabalho que afetam, em sua maioria, alunos da EJA, como permitir um ensino e aprendizagem levando-se em consideração tal realidade?

As falas acima, também, nos permitem uma aproximação com o que Oliveira (2001 apud CERATTI, 2008, p. 24) enfatiza a respeito da relação entre ensino e aprendizagem na educação de jovens e adultos:

[...] as situações de aprendizagem apresentadas não podem ser as mesmas do ensino regular, uma vez que os adultos possuem habilidades e dificuldades específicas, e uma capacidade maior de reflexão sobre si mesmo e o seu próprio processo de aprendizagem. Entre as dificuldades do aluno da EJA, relacionados à escola aparecem: a importância da experiência pessoal, as dificuldades referidas à abstração dos conteúdos e à sistematização dos mesmos e o restrito uso de processos metacognitivos.

Nesse sentido, a pesquisa revelou que todos os entrevistados, apesar do tempo que passaram sem estudar, sentem-se motivados para dar continuidade aos estudos e que querem cada vez mais poder através da leitura e da escrita obter uma “aprendizagem significativa”.

Como forma de ter mais clareza na minha pesquisa, foram elaboradas algumas questões para as professoras dos Ciclos 1 e 2.

Ao chegar à escola, no dia 03 de outubro, falei novamente com a gestora para informar que eu precisaria de mais uma entrevista para complementar minha pesquisa. Ela disse-me, mais uma vez, que poderia dar continuidade ao meu trabalho sem nenhum problema, só que ao ir falar com as professoras; elas afirmaram que naquele dia não estariam disponíveis, pois iriam juntar as turmas dos ciclos referidos para assistirem um vídeo sobre a cidade de Bayeux.

Convidaram-me a assistir o vídeo junto com os alunos, e no dia seguinte a entrevista poderia ser realizada. O documentário falava a respeito da cidade de Bayeux e de sua cultura, sobre as festas, comidas típicas e outras curiosidades.

Ao término do documentário, as professoras abriram uma “roda de diálogo” com os alunos e falaram sobre o mesmo, no qual alguns alunos fizeram seus comentários sobre o que concordavam e discordavam a respeito da realidade atual da cidade, outros lembraram da infância.

Como mais um recurso metodológico, elaboramos oito questões sequenciadas abaixo como coleta de dados. Foram entrevistadas duas professoras: uma do Ciclo 1 e outra do Ciclo 2:

4.4 ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS DOS CICLOS 1 E 2

1. Qual a sua formação e há quanto tempo atua na EJA?

Sou formada em artes, com especialização em supervisão e orientação, e sobre minha experiência com EJA, já faz uns doze anos que atuo na área. (Professora Ciclo 1)

Sou formada em Letras e Pedagogia, atuo na EJA há uns 5 anos. (Professora Ciclo 2)

2. Você participa de formação continuada?

No momento não, mas já fiz alguns cursos na área da EJA. (Professora Ciclo 1)

No momento, não. Quem sabe o próximo ano. (Professora Ciclo 2)

Identificamos que ambas não possuem especificação na área da EJA, como na maioria dos casos das docentes que atuam na Educação de Jovens e

Adultos, apenas estão lá para complementar suas cargas horárias obrigatórias, tendo especificação na educação infantil ou disciplinas isoladas.

3. É elaborado um plano de curso considerando o perfil do aluno que se tem e que se pretende formar? Levando-se em considerações seus interesses, necessidades e saberes que eles possuem e necessitam aprender. De que forma?

Sim. Trazendo a realidade deles, e usando a interdisciplinaridade, unindo uma disciplina a outra, utilizando assuntos que constroem novos saberes. (Professora Ciclo 1)

Sim. O plano de curso é elaborado de acordo com a matriz curricular da EJA, tomando como base as dificuldades que os alunos apresentam após a avaliação diagnóstica. (Professora Ciclo 2)

Além do conhecimento e do preparo que o professor deve ter, ele também deve conhecer a realidade cultural e o meio no qual o aluno está inserido, para poder fazer o seu trabalho com qualidade.

4. Você procura passar conteúdos em sala de aula que são de acordo com a realidade dos alunos?

Sim. Pois facilita muito o aprendizado deles, além dos assuntos impostos pelo livro, apresento atividades com temas do cotidiano e também temas atuais. (Professora Ciclo 1)

Trabalho com projetos, recursos didáticos diversos, trabalho a interdisciplinaridade. (Professora Ciclo 2)

É relevante que tenhamos práticas pedagógicas sintonizadas com a realidade desses alunos e acolher todo conhecimento que o sujeito já tem e trabalhá-lo dentro desse processo de formação escolarizada do aluno e da aluna da EJA.

Na formação dos educadores de jovens e adultos, entendemos que é importante e necessário pensar sobre eles, no sentido de conhecer qual a proposta de educação que proporcione aos alunos um aprendizado contextualizado.

Como é desenvolvido o trabalho, a metodologia e os recursos utilizados com os alunos da EJA?

Apresento aulas através de vídeos, faço coisas práticas para demonstrar algum conteúdo, rodas de conversas, além do tradicional claro. [...]. (Professora Ciclo 1)

A metodologia utilizada tem como foco a interdisciplinaridade e os recursos utilizados são: aulas de vídeo, músicas, encartes, material concreto, como jornais, revistas, dicionários entre outros. (Professora Ciclo 2)

5. O que você propõe para garantir a permanência e a motivação para que os alunos continuem com o processo escolar?

Proponho uma convivência com integridade, dinamismo a acima de tudo respeito de mim para com eles. (Professora Ciclo 1)

Trabalho com projetos, recursos didáticos diversos, trabalho a interdisciplinaridade. (Professora Ciclo 2)

6. Você se sente motivada para trabalhar com os alunos da EJA?

Sim. Porque amo o que faço, mesmo às vezes quando aparece algum problema pessoal ou outro imprevisto, não deixo de ir à escola, pois eles me fazem muito bem. (Professora Ciclo 1)

Sim. Porque a equipe pedagógica e a gestora são muito comprometidas com a aprendizagem dos alunos. (Professora Ciclo 2)

7. Você exerce o método Paulo Freire com seus alunos?

Sim. Trabalho muito com textos dele e com a singularidade de trabalhar a realidade com a prática. (Professora Ciclo 1)

Sim. Mas às vezes utilizo o método tradicional. (Professora Ciclo 2)

O educador da EJA deve fazer uso mais de sua criatividade, baseada na realidade do aluno para se chegar até ao conteúdo ou assunto que será estudado, pois a prática pedagógica realizada com os alunos da EJA só tem sentido se estiver realmente sintonizada com a realidade dos sujeitos que frequentam esta modalidade de ensino. A tarefa de um professor de Educação de Jovens e Adultos não tem sido fácil, principalmente, porque ele tem um papel importante na formação do indivíduo, devendo trabalhar em parceria com o educando, e motivá-lo sempre a participarem do processo evolutivo da educação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A EJA é um campo teórico e prático que tem que haver reflexão sobre ela, sobre a extensão que ela pode causar. Tem que ser organizada adaptada sempre que for preciso, com comunicação, tempo e inovação, atuando dessa forma, o educador transmite a motivação não só para si, como também para os alunos, realizando um processo de participação, reflexão, desenvolvimento e igualdade entre ambos.

A cada dia aprendemos algo diferente, isso faz com que sintamos motivados para construir e reconstruir nossas expectativas de avanços, a respeito de trabalho e educação.

Uma prática pedagógica sem motivação, sem construção, sem interação, torna-se um processo sem pretensão de uma educação em que o aluno possa contribuir para o seu aprendizado e sua autonomia.

Os alunos muitas vezes chegam à sala de aula desmotivados para estudar, e agindo assim, aos poucos vão desistindo dos estudos. Cabe ao professor estimular o interesse para que esses alunos desenvolvam uma aprendizagem não só individual, mas também coletiva, havendo uma troca de experiências entre ambos. Os alunos da EJA não voltam à escola regular para recuperar um tempo perdido e distante, e sim para satisfazer as necessidades atuais de suas vidas.

6. REFERÊNCIAS

- AJALA, M. C. **Aluno EJA**: motivos de abandono e retorno escolar na modalidade EJA e expectativas pós EJA em Santa Helena – PR. 2011. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização)–Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2011.
- BZUNECK, J. A. As crenças de auto-eficácia dos professores. In: F.F. Sisto, G. de Oliveira, & L. D. T. Fini (Orgs.). **Leituras de psicologia para formação de professores**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- Boruchovitch, E. **A motivação do aluno**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em:< <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 24 de Ago. de 2017.
- CERATTI, M. R. N. **Evasão Escolar**: causas e consequências. 2008. Programa de Desenvolvimento Educacional, Paraná, 2008.
- FERRARI, S. C. **O aluno de EJA**: jovem ou adolescente? 2011. Disponível em:< http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_ShirleyCostaFerra.pdf> . Acesso em: 10 de Set. de 2017.
- FORTUNATO, I. Educação de jovens e adultos. **REU**, Sorocaba, v. 36, n. 3. p. 281-284, dez. 2010.
- FREIRE, P. **Cartas à Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- _____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- GADOTTI, M; ROMÃO, J. E. (Orgs.). **Educação de jovens e adultos**: teoria, prática e proposta. São Paulo: Cortez, 2008.
- GADOTTI, M. Educação de jovens e adultos: correntes e tendências. In: GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. (Orgs.). **Educação de jovens e adultos**: teoria, prática e proposta. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MEIHY, J. C. S. B; HOLANDA, F. **História oral**: como fazer, como pensar. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

OLIVEIRA, M. C. **Metamorfose na construção do alfabetizando pessoa**. 1996. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

PORTAL EDUCAÇÃO, 05 fev. 2013. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/direito/percepcao-social/32179>>. Acesso em: 10 set. 2017.

_____. Disponível em:

<<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/idiomas/motivacao-para-a-procura-da-educacao-de-jovens-e-adultos/48076>>. Acesso em: 03 nov. 2017.

PICONEZ, S. C. B. **Educação escolar de jovens e adultos**. 10. ed. São Paulo: Papirus, 2002.

PINTO. Á. V. **Sete lições sobre educação de adultos**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ROMÃO, J. E. Compromissos do Educador de Jovens e Adultos. In: GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. (Orgs.). **Educação de jovens e adultos**: teoria, prática e proposta. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, L. E. P.; Rodrigues, A. C. S. **A motivação na EJA**: percepção de docentes e discentes. 2013.

SOUZA, A. B. **A escola representada por alunos de cursos de alfabetização e pós-alfabetização de jovens e adultos que passaram anteriormente pelo ensino regular**: contribuição à compreensão do cotidiano escolar. (Dissertação de Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.

VELHO, G.; KUSCHNIR, K. (Orgs.). **Pesquisas urbanas**: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VENTURA, J. P. **O PLANFOR e a Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores**: a subalternidade reiterada. 2001. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2001.